

RELOJ

Adriano B. Espíndola Santos

MÃE-VÓ, COM SEU FEITIJO INDÔMITO E DOCE, havia liberado o decreto: “Venga logo, que no vou tardar a ir-me!”, num portunhol arrastado. Cinquenta anos no Brasil e não teve jeito de tirar alguns trejeitos espanhóis, como o próprio *venga* ou *reloj*, que me parece terem sido propositalmente mantidos, porque eu mesma não tenho coragem de desequilibrar o meu português com o espanhol de seu ninguém – se quisessem me entender, que seja assim.

Nos meus quinze anos, mãe-vó me preparou para um porvir incerto, mas sedutor: “Sois do mundo, hija!”. Como ela, que almejou expandir, pensei em sair de Teresina, mais cedo ou mais tarde, para viver novas experiências, absorver costumes e novas culturas. Faz parte da sina beduína, viva; nosso sangue mouro latejante.

No dia do festejo, à moda cordobense, recebi um presentinho que somente seria transmitido a mim na data de sua passagem: o misterioso *reloj*, que pertenceu à Rainha Alcázar, ainda do período da invasão moura à península ibérica. Bom, assim ela cria. E eu, pirralha, inventava mil histórias na cabeça, que teria sido presente persa, para aplacar os ânimos beligerantes; que o relógio primitivo, de fato, não seria bem um relógio, mas um protótipo do que temos hoje (e nisso os árabes são incríveis).

Em terras *brasilis*, o que menos importava, para mim, era dar ares de boa moça; a anjinha prodígio da família, como titia Verónica teimou em me sujeitar à praga das convenções sociais nos jantares – longuíssimos –, da associação, dos clubes de “filantropia”, na traumática adolescência de minha vida.

Não queria ter vindo dessa forma, para isso. Nem me lembrei do famigerado *reloj*, que titia fez questão de divulgar em pleno velório – só faltaram o microfone e a caixa de som. Bateu palmas e falou, estilo *coach* controle emocional: “Queridos amigos e familiares, tenho uma coisinha importante a dizer: Mamãe, em sua eterna sapiência, deixou esse presentinho à sua valorosa netinha, a nossa querida Lia; um relógio que vem de nossa ascendência árabe. Portanto, algo de inestimável valor. O bastão pertence à Liazinha. Isso significa que, muito em breve, deverá ter uma filhinha para lhe prometer

o relógio pela sucessão”. O fato mais bizarro é que estavam ali, propositalmente – claro convite de titia –, Roberto Carlos e Reginaldo. Bom, o primeiro dispensa comentários – pelo inconveniente do nome, se pode ter noção do curioso ambiente em que foi criado –; depois Reginaldo, um ser pouco afável, de rudes tratos. Ambos chegados à titia, obviamente a meu contragosto. Dois dos meus antigos namorados – onde pus minha cabeça nessa bendita hora?

Chacoalhei a cabeça em sinal de reprovação, pelo infortúnio de ver minha mãe-vó naquelas condições e ainda ser obrigada a passar por tal constrangimento. Peguei meu *reloj*, em honra à memória de mãe-vó, e, num acesso de raiva, coloquei-o no bolso e mandei todos se ferrarem, “seus putos carniceiros”, nesses mesmos bons e lisonjeiros termos. Em seguida, dei um beijo profundo em sua testa fria. Senti o cheiro de seu perfume de rosas; inebriei-me, quis ficar. Mas não titubeei, sei que ela faria igual. Larguei mais: “O presente não foi à toa. A senhora sabe quem sou. Não o deu à titia, essa megera metida a socialite, para não servir às suas mentiras deslavadas. Farei bom uso, vovó!”.

Na semana seguinte, contrariando os interesses mesquinhos de meio mundo de gente, como não terei filhxs, deixei-o, muito bem entregue, nas mãos do diretor do Centro de História Hispânica, na capital espanhola; a um amigo de longas datas. Mais tarde fui condecorada, com honras acadêmicas, por minha universidade em Córdoba, pois, inadvertidamente, talvez, vovó teria guardado o mais fiel registro de nossa formação social.

Noutro dia, sob os auspícios da luz divina, sonhei com vovó me bendizendo, e me amando, em beijos e carinhos sem fim. Só isso me interessa.

Adriano B. Espíndola Santos

Natural de Fortaleza, Ceará. Autor do livro *Flor no caos*, pela Desconcertos Editora, 2018. Advogado humanista. Mestre em Direito.